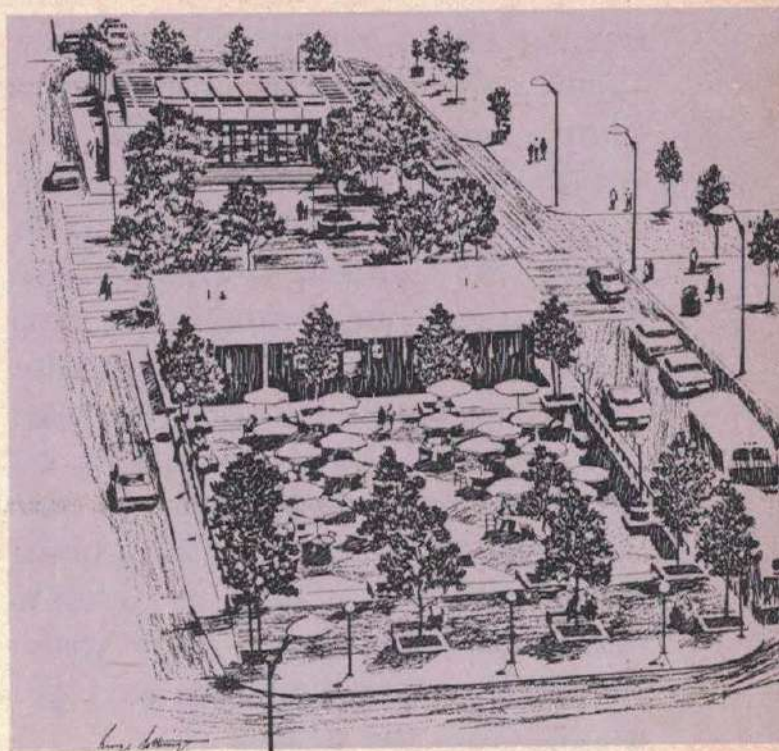


Como uma agradável  
pracinha curou os males  
de uma cidade  
inteira



## Uma Boa Idéia que Ajudou Canton

**H**Á 10 ANOS Canton, no Estado de Ohio (110.000 habitantes), era uma cidade doente. Seu centro era velho, cinzento e sujo. Nas lojas de varejo do centro da cidade as vendas caíam. Algumas lojas estavam para alugar. Dois cinemas estavam vazios. O processo de auto-renovação pelo qual as cidades vão mudando para se adaptarem à evolução do tempo tinha parado.

O fato estranho sôbre essa doença é que ela pode atacar uma cidade em plena prosperidade. Canton não se encontrava em um *setor decadente* dos Estados Unidos, nem estava ligada a qualquer indústria decadente. Possui uma grande usina siderúrgica, uma fábrica de automóveis e uma fábrica de papel. É sede de uma importante fábrica de eletrodomésticos, de um fabricante de cofres e de um produtor de rolamentos de

WOLFGANG LANGEWIESCHE

esferas. Havia empregos em quantidade. O comércio também era bom . . . nos subúrbios. Mas, no centro, a cidade estava morrendo.

**Oásis nas Pedras.** No centro da cidade de Canton, a deterioração foi sustada com o auxílio de uma coisa tão simples e barata que ninguém acreditará. Um pequeno parque, bem no meio da cidade. Só isso. Tem árvores, bancos, um café com mesinhas na calçada, música suave nos alto-falantes e algumas outras coisas de que o povo gosta. É simplesmente um agradável pequeno oásis nas pedras.

Há cinco anos que a Praça Central existe. Seu efeito tem-se traduzido em dinheiro. Antes dela não tinha havido praticamente construções durante 35 anos. A praça (que custou pouco mais de 550.000 dólares) já desencadeou novas construções e reformas em edifícios antigos num valor superior a um milhão de dólares. Os aluguéis aumentaram e diminuiu o número de imóveis desalugados. Um novo edifício de escritórios de seis andares de frente para a praça, com dois andares subterrâneos para estacionamento, será inaugurado brevemente. Junto dêle a área coberta por quatro ruas transversais foi demolida para a construção de um novo hotel, um ultramoderno *drive-in*, com estacionamento subterrâneo. Outro novo prédio a um quarteirão de distância tem lojas no pavimento térreo, seis pavimentos acima para estacionamento de automóveis, e acima disso, pairando no alto,

dois andares para escritórios de luxo.

Ninguém em Canton afirma que tudo isso foi diretamente causado pelo pequeno parque. A força motriz foi a determinação de alguns homens em dar à sua cidade um novo interêsse pela vida. Êsses banqueiros, comerciantes, industriais tinham bastante prestígio comercial para dar um empurrão para a frente à cidade. Podiam autorizar novas construções, mudar sedes de companhias, fazer lojas mudarem ou ficarem, financiar projetos de construção em condições favoráveis. E podiam influenciar outras pessoas.

Sob a liderança do banqueiro Richard Gilbert, organizaram-se na Associação do Desenvolvimento Central de Canton e dispuseram-se a revitalizar sua cidade.

O que a associação procurava era algum remédio de ação rápida—algo que interrompesse a decadência. Precisavam de algo que incitasse a confiança do povo (inclusive a sua própria) e desse a todos (inclusive a êles mesmos) a coragem de prosseguir com planos de maior alcance e investimentos mais volumosos.

A associação despendeu uns 100.000 dólares em pesquisas e planejamento, mas persistia o desnorante problema: por onde começar, se a própria zona comercial perdera seu encanto?

Depois de muito pensar, chegaram à seguinte conclusão: se o centro de Canton tinha perdido seu papel de local onde a maioria das coisas eram compradas, então a cidade teria de

mudar de fisionomia. Teria de ser o lugar onde as organizações teriam sua sede—os tribunais, os bancos, as matrizes das firmas, as agências locais dos governos federal e estadual, juntamente com hotéis, clubes e lojas especializadas. Os clientes do centro da cidade não mais seriam só mulheres que tivessem como principal atração as grandes lojas. Seriam homens de negócio, secretárias e visitantes. Que era preciso fazer para tornar o centro da cidade atraente para êles?

**As Ruas São Para o Povo.** Pensaram num nôvo Centro Cívico bastante espetacular, sôbre pilotis. Pensaram numa alamêda arborizada proibida ao tráfego de automóveis. Um Salão de Convenções e um Centro Cultural. Essas coisas levariam muito tempo, custariam muito caro e beneficiariam sômente pequenos segmentos da população.

A Ebasco Services Incorporated, firma de planejamento, tinha entre seus funcionários um morador de Canton com vinte e poucos anos de idade, chamado Cyril Paumier. Quando estudante pós-graduado da Escola de Desenho de Harvard, Paumier aperfeiçoara uma teoria geral sôbre a melhoria de cidades. Era o seguinte: para melhorar uma cidade, comece-se melhorando as ruas e espaços abertos. A renovação virá em seguida. As ruas são a paisagem onde se colocam os edifícios. E a comunidade já possui as ruas. Pode-se fazer delas o que se desejar—*sem* pedir permissão a ninguém, *sem* condenar

a propriedade de ninguém, *sem* esperar pela aprovação dos escalões mais elevados do govêrno. E, uma vez melhorada uma rua, seus edifícios serão melhorados. Isso é uma coisa que pega como sarampo.

Mas o que é que torna boa uma rua? Paumier esboçou suas idéias: as ruas devem ser úteis não só para o trânsito e estacionamento, mas também para passear, conversar, olhar vitrinas, jantar ao ar livre, sentar-se ao sol, sentar-se à sombra e olhar as pequenas. Estas são as coisas que as pessoas sempre fizeram nas ruas, até que o automóvel acabou com a festa.

Desde seus tempos de Harvard, Paumier estava de ôlho no ponto de Canton onde as melhorias deveriam começar. Era a praça pública, bem no centro da cidade. Sempre fôra uma praça muito freqüentada. Antes da Guerra Civil americana, era ali que se fazia a feira. Depois da Guerra Civil, uma banda de música de veteranos, a Grande Banda do Exército, tocava ali à noite. Na década de 90 as reuniões religiosas realizadas na praça eram tão populares que as ruas tinham de ser fechadas ao tráfego. Agora, porém, na Idade dos Subúrbios, a praça morrera. O velho tribunal de justiça estava cinzento e sujo. O centro da praça servia de estacionamento para cêrca de 30 carros, e o sistema de ônibus da cidade usava-a como ponto final de suas linhas. Só para isso servia a praça.

**Confôrto Para a Alma.** Aqui era

o ponto de partida, argumentava Paumier. A praça era algo que todos podiam ver, compreender e usar—não era como algo que acontece num Centro Cívico ou num Salão de Convenções. Não beneficiaria apenas os negociantes e sim a todos. Não seria como outros empreendimentos, pois a municipalidade já era proprietária do terreno e a remodelação poderia ser realizada em um ano.

E assim se fez.

A praça não era imponente. Sua finalidade não era impressionar e sim ser acolhedora e oferecer conforto para o espírito. Algumas outras cidades têm novos centros urbanos que são impressionantes, com altas torres brilhantes simbolizando realizações cívicas e o poderio de grandes firmas. Este local é diferente. A praça não se destina tanto a ser admirada como a ser freqüentada—por 10 minutos ou por uma hora. É pequena—tem perto de 8.000 metros quadrados, divididos em duas ilhas separadas por uma rua. Cada ilha tem aproximadamente 25 árvores, canteiros, fontes, lugares para sentar ao sol e à sombra.

No verão, numa das ilhas há um café ao ar livre com guarda-sóis de cores alegres sobre as mesas. À noite, uma vez por semana, há um baile para jovens. Centenas de moços dançam enquanto os adultos assistem das ruas adjacentes, as quais são fechadas por cordas para essas ocasiões. Uma vez por semana há um concerto de banda. No inverno, o pavimento é congelado e todos

patinam no gelo ao som de discos.

Cada ilha tem também um edifício de construção baixa, quase todo de vidro. Um é um café, aberto o ano todo, com ar condicionado no verão. O da outra ilha é um salão de exposições—não chega a ser um pavilhão—onde sempre há algo que ver: um desfile de modas, uma exposição de barcos, de fotografias, artigos de esporte. Uma vez por ano há uma exposição de arte com trabalhos exclusivamente de artistas locais.

Mas as atividades organizadas são provavelmente a parte menor do que a praça oferece a Canton. Ela também oferece ao povo simplesmente um lugar para estar—um lugar agradável onde não é preciso fazer coisa alguma. É um bom lugar para sentar, ler o jornal, olhar o mundo, conversar e não se sentir solitário. Na hora do almoço enche-se de funcionários de escritórios descansando ao sol, à sombra, no ar não condicionado. Durante todo o dia as pequenas vão ali passar seus períodos de descanso, e isso atrai os rapazes.

Assim é a Praça Central de Canton, Ohio. Não é nada *grandioso* nem revolucionário. É pequena e amável. Aí é que está a idéia: algo *pequeno* que dá grandes resultados. É pela primeira vez a comunidade não precisou usar de força. Ninguém teve sua casa desapropriada, ninguém teve de mudar-se, nenhum pequeno comerciante foi despejado. A história de Canton sugere que se

a comunidade, em vez de dizer ao povo o que fazer, fizesse mais frequentemente algo por sua própria conta, não haveria necessidade de tantas demolições, tantos programas de emergência, tanta gente atingida pelas decisões da lei.

Essa é a persuasiva idéia por trás deste pequeno e delicado projeto: os espaços públicos das cidades são muitas vezes os piores locais. As ruas são feias, super-regulamentadas, mal planejadas, inúteis. Não são muito

boas para dirigir nem para estacionar, não servem absolutamente para passear, olhar vitrinas, flunar, divertir-se.

O que a Praça Central de Canton nos diz não é que cada cidade deve ter um parque em seu centro, com um café ao ar livre, nem que a melhoria das ruas constitui a panacéia para todos os males municipais. Diz-nos, sim, que, quando se trata de ruas ou cidades, devemos pensar mais nas pessoas.



UMA MANHÃ, o nosso médico consentiu que um pescador amigo pesasse na balança do seu consultório o peixe que pescara. Saindo da sala de exame com o homem carregando seu peixe de 11 quilos, o médico encontrou a sala de espera, previamente vazia, ocupada por vários pacientes, que dirigiram ao peixe—e a êle—olhares interrogadores. O médico sorriu e deu-lhes um amável “bom dia” enquanto acompanhava o pescador até à porta. Dando uma palmadinha no ombro do homem, aconselhou em tom animador:

—Olhe, se êle não estiver sentindo-se melhor amanhã, traga-o aqui outra vez.

—M. F.



MALGRADO a sua fama, os usuários do metrô de Nova York são cortes e preocupam-se realmente uns com os outros—mas é preciso jogar de acôrdo com as regras. O trem em que eu viajava parou na Rua 49. Entrou uma senhora de meia-idade, carregando no braço um casaquinho de lã. Um homem que estava sentado perto da porta levantou-se rapidamente para oferecer-lhe o seu lugar, depois estacou, meio sentado e meio de pé.

—Desculpe-me—disse êle.—Pensei que a senhora estivesse carregando um bebê.

Sentou-se e continuou a ler o jornal.

—J. L. Z.